

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil* – Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009, v. 1, 270 p.

João Fernando Ferreira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
campus de Aquidauana

Resultante, em parte, da dissertação homônima¹ de mestrado em História Social do jornalista e historiador Marcos Guterman, defendida na PUC-SP em 2006, o livro coroa um longo trabalho de pesquisa do autor que se dedicou, durante alguns anos, ao estudo do futebol brasileiro. O livro *O futebol explica o Brasil* – Uma história da maior expressão popular do país (2009) foi dividido em nove capítulos que demarcam nove décadas na história do esporte, desde 1894 até a Copa do Mundo de 2002, quando a seleção se consagra pentacampeã mundial. Ou seja, o autor pretendeu realizar o estudo de mais de um século de história do futebol em solo “tupiniquim”. Guterman tenta mostrar a trajetória do esporte no país desde sua chegada da Inglaterra, a formação dos primeiros clubes, os craques, os grandes fracassos e tudo que possa envolver esse fenômeno da nossa cultura.

No entanto, tamanha pretensão acaba por ser contaminada por alguns “vícios” – algo que tem ocasionado um intenso debate nas ciências humanas. Sobretudo os estudos oriundos das áreas da história, da antropologia e das ciências sociais têm trazido à tona discussões acerca de uma “vertente nacionalista” que se tornou visível em vários trabalhos e cuja influência remonta a autores tidos como clássicos, a exemplo de Mario Filho.² Em inúmeras obras – inclusive contemporâneas – é

¹ A dissertação *O futebol explica o Brasil* tem como objeto de pesquisa o governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) e sua relação com a Copa do Mundo de 1970, no México.

² Mario Rodrigues Filho, influente jornalista carioca, foi proprietário do *Jornal dos Sports*, empresta seu nome ao Estádio do Maracanã e é irmão do dramaturgo Nelson Rodrigues. Amigo (íntimo) de Gilberto Freyre, autor de vários livros sobre a história do futebol, morreu aos 58 anos em 1966. .

possível perceber uma espécie de reprodução da mesma visão acerca da história do esporte que amalgama três momentos narrativos: a chegada do jovem Charles Miller (e o período em que o futebol se manteve como esporte das elites), a popularização do futebol e o papel central do negro nesse processo.

O primeiro momento desses trabalhos narra a chegada do futebol ao Brasil³ e enfatiza a segregação dos negros e dos pobres; o segundo relata suas lutas e resistências e o terceiro descreve a democratização, ascensão e afirmação do negro no futebol. Esse tipo de narrativa, reproduzido no interior das ciências humanas, encontra sua origem e validade no livro *O negro no futebol brasileiro*, escrito pelo supracitado Mário Filho, prefaciado por Gilberto Freyre, cuja primeira edição foi publicada em 1947 e a segunda, acrescida de dois novos capítulos, em 1964. Este trabalho traz em si um viés nacionalista que só pode ser entendido levando-se em conta o contexto em que surgiu: as primeiras décadas do século XX, projeto de inspiração “freyreana”, gestado no interior do Estado Novo.⁴ Tal obra funciona como história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade e/ou às denúncias antirracistas, independentemente do piso sociológico, histórico ou antropológico do qual os textos afirmam partir. A reiteração obsessiva de tal narrativa confirma, valida e torna verdadeira a história contada, cristalizando sentidos.

Assim, o livro de Guterman não foge à regra, pelo menos em seus primeiros capítulos, quando recorre frequentemente a obra de Mário Filho. O primeiro parece tomar o trabalho do segundo em manancial indiscutível de dados e fonte quase exclusiva de referência, abdicando do uso de outras fontes. Assim, o autor abre mão de novas possibilidades de interpretação, unindo-se ao espiral de sentido já construído, o que acaba por transformar a história em mito – uma história “tradicional”, quase como uma “crença”, que surge no âmbito da cultura e que

³ Desconstruindo a versão consagrada, José Moraes Santos Neto, historiador paulistano, baseado numa vasta documentação, em grande parte inédita, combate a visão segundo a qual o futebol foi introduzido em São Paulo por Charles Miller. Neto aponta que já havia no Brasil, em alguns colégios jesuítas, a prática do futebol antes do retorno de Miller ao país, em 1894. SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac&Naif, 2002.

⁴ Na década de 1930, assistimos ao início da penetração do pensamento nacionalista do período estadonovista e que vai ser acompanhado pelas novas formulações eruditas e/ou acadêmicas sobre a sociedade brasileira. Assim, o papel de Freyre e também de setores do movimento modernista em geral foram, decerto, fundamentais. O futebol, por sua vez, torna-se espaço recorrente de interesses políticos. Sobre futebol e Estado Novo ver: FERREIRA, João Fernando. *A construção do Pacaembu*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

valoriza algo ou algum símbolo social. Pode-se dizer que novas narrativas acabam por formar parte da mitologia ou da invenção da tradição do futebol brasileiro⁵.

Hoje, parte da literatura “futebolística” questiona a obra de Mario Filho. Exemplo máximo disso talvez seja o livro *A invenção do país do futebol*,⁶ no qual o autor coloca em xeque a ideia do chamado “futebol-arte”, considerado fruto de uma construção de intelectuais e de ideólogos do Estado no início do século XX, os quais procuravam romancear os fatos na busca de uma “democracia racial” mediada pelo futebol.

Outras passagens também evidenciam a influência de Mário Filho como, por exemplo, quando Guterman (p. 108) sugere que o Brasil fora eliminado da Copa de 1954 em função de uma reunião na véspera do jogo contra a Hungria, na qual os diretores teriam feito “terrorismo” com os jogadores, para que ganhassem o jogo de qualquer maneira afastando, assim, o chamado “complexo de vira-latas” que se arrastava desde o episódio conhecido como “maracanazo”.⁷ O autor parece se esquecer que a Hungria daquela época possuía uma seleção de causar inveja a qualquer “escrete”. Jogadores como Sandor Kocsis e Ferenc Puskas, o “major galopante”,⁸ foram idolatrados mundialmente pois, à época, eram os atuais campeões olímpicos. Em outras palavras, a Seleção Brasileira nunca perde para alguém, sempre para si mesma, sugerindo assim uma certa superioridade que beira a um ufanismo exacerbado. Guterman também usa frequentemente a terminologia “país do futebol” designando assim uma exclusividade contestada não só em obras acadêmicas, como em boa parte da imprensa brasileira.⁹

Ao utilizar a obra de Mario Filho, sem cotejá-la com a de outros estudiosos do assunto, Guterman a qualifica como verdadeira, objetiva e completa, e parece anunciar que, de fato, pouco teríamos a acrescentar aos argumentos do jornalista. Contudo, a utilização acrítica de dados e interpretações faz com que sua narrativa acabe por incorporar o viés nacionalista que inspirou Mário Filho, influenciado

⁵ HOBSBAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1789 a 1914. In: HOBSBAWM, E. & RANGER, T. *A invenção de tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

⁶ HELAL, R; SOARES, A.J.; LOVISOLO, H. *Mídia, raça e idolatria: a invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

⁷ Trata-se da derrota sofrida pela Seleção na final da Copa de 1950, em pleno Maracanã lotado. Estima-se que mais de 150 mil pessoas presenciaram a “tragédia”.

⁸ Sobre isso ver: MARQUESI, Dagomir. *Major galopante*. Placar. São Paulo, 1.302, janeiro-1997, p. 28.

⁹ O jornalista Juca Kfourir, um dois mais conhecidos cronistas esportivos, rechaça terminantemente o rótulo, afirmando que se “alguém afirmar isso para um argentino, italiano ou a um inglês é capaz do caso acabar na polícia, pois todos consideram seu país o detentor desse esporte. Revista *Palavra*, 2004. Outros jornalistas também seguem a linha de Kfourir, como é o caso de José Trajano (ESPN-Brasil) e Paulo Vinícius Coelho, colunista do jornal *Folha de S.Paulo* e também comentarista do canal ESPN-Brasil.

pelo pensamento de Gilberto Freyre e de outros intelectuais,¹⁰ cuja visão era condicionada pela crença de que o Brasil, em poucos anos, teria passado da escravidão para a integração racial via mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação. Por essa razão seríamos originais, especiais, únicos.

Nesse sentido, o “futebol-arte” seria exclusividade brasileira, fruto de certa “molecagem” ou “malandragem”, o que remete ao mito do futebol *dionísíaco*, típico do brasileiro, do negro Leônidas, do “mestiço” Garrincha e de Pelé, símbolo incontestado desse conceito e exemplo maior da “mitologia” desse esporte. Para o autor, a estreia de Pelé no futebol profissional, em 1956, marca a “data que está para o futebol assim como o nascimento de Jesus Cristo está para a história” (p. 115).

Mas aí cabe a pergunta: Se o “futebol-arte” é privilégio do “país do futebol”, o que dizer de jogadores do passado como Di Stefano, Maradona, Platini, Zidane, Cruyff e também do presente como Leonel Messi e Cristiano Ronaldo?

O ponto alto do livro, sem dúvida, é a análise que o autor faz da Copa de 1970 (talvez por ser esse o tema de sua dissertação de mestrado), na qual o “ufanismo” é, de certo modo, deixado de lado. No capítulo “As trevas do Brasil e da seleção brasileira” (p. 149), Guterman empreende boa seleção e hierarquização de informações, contrastando fontes e colocando indagações importantes que fazem parte do *métier d'historien*. É o que acontece, por exemplo, quando o autor aborda o envolvimento entre o governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), a Seleção Brasileira e a Confederação Brasileira de Desporto (CBD), o Serviço Nacional de Informações (SNI) e a Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp), por conta da tentativa de transformar o Brasil na “pátria de chuteiras”, capaz de ajudar o Estado naquilo que era uma das suas maiores ambições: afirmar o valor do brasileiro para o mundo e para si mesmo, através da seleção de futebol.

Os militares tentaram de todas as formas garantir o controle do espaço social e, com a conquista do tricampeonato mundial, utilizaram-se de todas as ferramentas para colocar seu projeto político em prática. Dessa forma, a relação entre política, futebol e mídia, envolvidos na Copa de 1970, foi analisada no referido capítulo. As práticas e as determinações sociais dos comportamentos, bem como as representações e discursos dos diversos agentes envolvidos foram, de certa forma, apontado, como no caso referente à aproximação entre João Havelange (presidente da CBD) e Médici. Na época, Havelange aspirava à presidência da

¹⁰ José Lins do Rego e Monteiro Lobato compartilhavam, em grande parte, as ideias de Freyre e Mario Filho, pelo menos no que se refere ao futebol.

Fifa. Sendo assim, a conquista no México seria uma grande oportunidade de conseguir seu intento, o que aconteceria anos depois.

A preparação para a Copa de 1970 denota, como aponta Guterman, a montagem de um esquema militar de treinamento e acompanhamento das atividades da equipe. Para a chefia da delegação foi designado o major-brigadeiro Jerônimo Bastos, que tinha vínculos com a chefia do SNI.¹¹ Para sua assessoria foi empossado o major Ipiranga Guarany, cuja principal tarefa era a montagem de um forte esquema de segurança que passaria a envolver a seleção. O condicionamento físico dos jogadores foi entregue aos cuidados de oficiais formados na Escola de Educação Física do Exército, com destaque para Raul Carlesso e Claudio Coutinho, que ajudariam a traçar o já referido Planejamento México.¹²

O título da obra de Marcos Guterman é instigante: com certeza o futebol pode explicar o Brasil. Mas para que a explicação mereça crédito, o time deve estar “entrosado”. É lamentável que o texto prescindia de “craques” de gabarito como, por exemplo, Norbert Elias,¹³ Pierre Bourdieu,¹⁴ José Paulo Florenzano,¹⁵ Hilário Franco Junior,¹⁶ Edson Gastaldo,¹⁷ Simoni Lahud Guedes,¹⁸ Pablo Alabarces¹⁹ e do já referido Soares,²⁰ entre outros. Estes, ausentes na obra de Guterman,

¹¹ Depois do insucesso sofrido pela Seleção Brasileira na Copa de 1966, o “temível” Serviço Nacional de Informações (SNI) criado no governo Costa e Silva passou a acompanhar de perto a delegação do selecionado apontando uma nova relação entre poder público e futebol.

¹² O Planejamento México foi um projeto audacioso de adaptação do selecionado brasileiro à altitude do México, país sede da Copa de 1970. Apoiados no campo da biometereologia, vários estudiosos condicionaram o escrete a um estudo sobre a altitude e ao condicionamento físico necessário para a empreitada mexicana. Sobre isso ver: GASTALDO, Édson. *Pátria, chuteiras e propaganda*. O brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume, 2002; GASTALDO, Édson; GUEDES, Simoni L. *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006..

¹³ ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1982.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser esportivo. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

¹⁵ FLORENZANO, José Paulo. A Democracia corintiana: Práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Educ, 2009; FLORENZANO, José Paulo. A rebeldia no futebol brasileiro. Tese de Doutorado. PUC-SP, Ciências Sociais, 1997.

¹⁶ FRANCO JUNIOR, Hilário. A dança dos deuses: Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

¹⁷ GASTALDO, Édson. *Pátria, chuteiras e propaganda*. O brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume, 2002; GASTALDO, Édson; GUEDES, Simoni L. *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

¹⁸ GUEDES, Simoni L. O futebol brasileiro -- instituição zero. Rio de Janeiro: Tese de Mestrado, UFRJ, Museu Nacional, 1977.

¹⁹ ALABARCES, Pablo. *Crônicas del aguante: fútbol, violencia y política*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004.

²⁰ HELAL, R; SOARES, A.J.; LOVISOLO, H. *Mídia, raça e idolatria: a invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

possuem trabalhos relevantes e são, indubitavelmente, referências obrigatórias para autores preocupados com o estudo do futebol enquanto fenômeno cultural total. Conhecer o “estado da arte” é dever de todos que se aventuram a analisar o sempre surpreendente “esporte das multidões”.

E apita o árbitro... fim de jogo!

Recebido: 17/12/2010 – Aprovado: 24/05/2010